

# A CIDADE CANSADA

**Carlos Gustavo Assis<sup>1</sup>**

**Ricardo Vinicius Cornélio dos Santos e Carvalho<sup>2</sup>**

## INTRODUÇÃO

A fotografia é, na lição de Barthes (1981), a expressão artística para onde confluem três práticas, que são também três intenções e três emoções: fazer, submeter ou suportar e olhar. Captar as imagens do mundo é, para ele, portanto, um processo de criação, de submissão de um recorte desse mesmo mundo para um olhar, e um modo particular de observar e compreender as imagens exteriores. Esse processo todo, no entanto, é ao mesmo tempo uma prática de construir essas imagens ao fotografar; uma intenção, como a vontade da(o) fotógrafa(o) de obtê-las, e, uma emoção, como um resultado entre o olhar da(o) fotógrafa(o) e o olhar de quem vê as fotos, o que vai além da própria imagem buscada e da imagem obtida. A fotografia, entendida nesse sentido, não é, como já foi tida no passado, uma criação puramente passiva e mecânica (Modrak, 2011); ela é, na verdade, uma demonstração ativa do conhecimento como construção social representativa do mundo, buscando ir além do léxico, além do dado, do natural.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/1836544097907469>. <https://orcid.org/0000-0002-3420-5245>. [carlosgustavoassis@gmail.com](mailto:carlosgustavoassis@gmail.com). Endereço para correspondência: Rua Antônio Paulino de Castro, 105, ap. 403, Liberdade, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-540. (55 37) 999579440.

<sup>2</sup> Mestrando em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Analista do Banco Central do Brasil <http://lattes.cnpq.br/9303320671941400>. <https://orcid.org/0000-0002-0553-7785>. [rvccarvalho@gmail.com](mailto:rvccarvalho@gmail.com).

Como construção social, a fotografia é também uma metáfora das próprias ciências sociais, pois aproxima dois universos, o mundo exterior que se impõe a quem fotografa, e o mundo interior de quem fotografa e de quem vê, que também se projetam sobre os sentidos da imagem. Assim, “a fotografia é objetiva e subjetiva, isto é, é objetiva como registro de alguma coisa e é subjetiva na forma de realizá-la e de observá-la” (Cavedon, 2005, p. 16). Sendo assim, é um construto fascinante para a análise social, uma vez que é tanto meio de informação e comunicação, quanto a emoção pungente que toca, “aquilo que cala na alma do observador, porque o olhar não é capaz de capturar” (Fontanari, 2016, p. 151), o *studium* e o *punctum* barthesianos. Essa contradição, de ser uma representação “realista” do mundo, mas ao mesmo tempo, uma cristalização no tempo de um evento fluido sujeito às múltiplas interpretações de quem vê, faz da fotografia uma ferramenta-síntese da pesquisa social, por si só, repleta de significados e de grande potencial analítico.

O seu uso nas ciências sociais já é bastante conhecido, principalmente em antropologia e em história, e não é recente (Shwartz, 1989), tendo sido citado em manuais de pesquisa científica e de metodologia (Holm, 2014; Lune & Berg, 2017). Independentemente disso, entretanto, nos estudos organizacionais ainda há um grande espaço para avanços no uso de fotografias como recursos fundamentais para a pesquisa científica (Cavedon, 2005; Bell & Davison, 2013). Um dos efeitos possíveis do seu uso é justamente as vantagens, tal como observadas por Sontag (2015, p. 127), de recorte e de profundidade, uma vez que “fotografias são um meio de se aprisionar a realidade, entendida como recalcitrante, inacessível; de fazê-la ficar parada”, ao mesmo tempo em que “ampliam uma realidade que é sentida como encolhida, esvaziada, perecível, remota”. Em uma só imagem, portanto, pode-se simultaneamente ver um enquadramento reduzido de um contexto maior e uma versão detalhada, minuciosa, de um fenômeno cujo transcorrer passaria quase despercebido a um observador incauto.

Neste trabalho, buscamos retratar visualmente uma questão específica das cidades contemporâneas, a sua representação como uma sociedade cansada. Para tanto, valemo-nos, principalmente, da noção de sociedade de desempenho, de Byung-Chul Han (2015), que trata a nossa época como a das patologias neuronais, como a depressão e a síndrome do *burnout*, que decorrem de um sujeito do desempenho que é sempre instado a produzir mais, a fazer mais, a trabalhar sempre mais, envolto em um contexto de hiper-comunicação e hiper-produtividade. E, como impulsores dessa paisagem patológica, temos todo o esforço a que se dedicam as cidadãs e os cidadãos no mundo urbanizado, informatizado, globalizado e mercantilizado, de nunca se desconectar, que mesmo quando descansam o fazem apenas para trabalhar mais e melhor, sob o imperativo da produtividade. Com isso, temos, de um lado, uma cidade que não acolhe o descanso, não o incentiva, e, de outro, as pessoas tentando resistir a isso em espaços públicos que não convidam ao relaxamento, à contemplação, à serenidade.

Reconhecemos que retratar o mal-estar civilizatório trazido pela modernidade e pelo capitalismo não são necessariamente uma novidade. Já foram retratadas nas análises frankfurtianas, especialmente, com Herbert Marcuse, e, recentemente, recuperadas com um outro olhar, com Slavoj Žižek. Não enfatizamos as soluções socialistas, apenas resgatamos as inquietações propostas por estes autores, como ponto de partida para a reflexão sobre a cidade. Dela, percorremos a descrição dada por Byung-Chul Han, mediada pelas possibilidades de resistir e ressignificar apresentadas, sobretudo, por Michel Certeau.

O conflito que surge dessa realidade é a disputa pela ressignificação do espaço público, já retratado no clássico livro de Roberto DaMatta (1991), *A Casa e a Rua*, de tentar fazer da rua, da praça, do espaço público, um lugar de conforto, de intimidade, de descanso. DaMatta (1991) trata de três categorias sociológicas fundamentais para compreender a realidade brasileira, *a casa*, como espaço de intimidade, proteção,

conforto, tradição e zelo, contraposta à *rua*, como espaço público, impessoal, desaquecido de familiaridade, e, o espaço místico, o *outro mundo*, metafísico, que se encontra espalhado nas relações sociais brasileiras.

Com base nessas reflexões, procuramos registrar 35 fotografias da cidade de Belo Horizonte, no primeiro semestre de 2018, como maneira de retratar uma cidade cansada e que cansa, absorta em seus jardins de concretos, seu trânsito incansável, seus espaços de lazer fabricados pelo capital que enclausuram a natureza e transformam os lugares de lazer, de alimentação, em “praças” que nada mais são que novos locais para se trabalhar. Os espaços públicos pensados para o descanso, não convidam ao descanso, ainda que sejam um oásis no mar de concreto. Para resistir aos apelos da sociedade do desempenho, as pessoas precisam então ressignificar esses espaços, transformá-los em suas casas, suas camas, seus colchões, mesas e sofás. É preciso não resistir ao sono, para resistir ao cansaço, mas não é um descanso para mudar a sociedade, mas para resignar-se a ela, para manter-se produtivo, trabalhando, conectado.

Ao final, como movimento emblemático dessa disputa entre a cidade que não me acolhe para a contemplação, o descanso e a qualidade de vida, e as pessoas que demandam diversão, descanso, lazer, trazemos o exemplo do evento “Praia da Estação”. A Praia é uma manifestação político, artístico, cultural, performática, sem líderes, coletiva e colaborativa, que acontece como um movimento de ocupação e resistência, que busca ressignificar o espaço da Praça da Estação. O argumento do evento gira em torno do abandono da praça, que ao invés de ser um cartão postal para a cidade de Belo Horizonte é visto como um lugar secundário e marginalizado; um lugar “abandonado”, com as fontes desligadas, repleto de buracos e tratado com descaso pela administração da cidade. A partir disso, surge um movimento de ocupação “Praia da Estação”, no qual várias pessoas ressignificam esse espaço como uma praia, quando aproveitam o sol em trajes de banho, se refrescam nas águas da

fonte, socializam e divertem-se com músicas e danças. Essa prática, de ressignificar é também resistir, interagindo de modo especial com o lugar e reivindicando a cidade para o povo, ao mesmo tempo em que se exige um maior zelo das autoridades públicas com a Praça da Estação, que serve, nesse caso, de símbolo para um maior cuidado com os espaços públicos para o descanso e o lazer na cidade.

## **AS CIDADES, A CIVILIZAÇÃO E A SOCIEDADE DO DESEMPENHO**

O momento preciso do surgimento das cidades é algo em disputa no mundo acadêmico há bastante tempo (Lefèvre, 2013; Elsheshtawy, 2008; Freund, 2007; Isin, 2002; Verhulst, 1999). E isso não é apenas uma querela cronológica, mas conceitual, pois, os “especialistas não estão de acordo quanto à data em que surgiram as cidades, principalmente porque cada qual faz uma ideia diferente do que é uma cidade nascente” (Lefèvre, 2013, p. 100). Mais importante que precisar o momento em que emergiram no contexto social, no entanto, talvez seja reconhecer o impacto das cidades como um construção histórico-social fundamental para compreensão da humanidade. Nesse sentido, o surgimento das cidades talvez represente a síntese do processo civilizatório, e desta forma, discutir as cidades é também discutir a própria civilização, a própria humanidade, uma vez que a “história da humanidade é a história das civilizações” (Huntington, 1997, p. 44). E, conforme Isin (2000) discute, as cidades adquiriram, com a Modernidade, um status especial, de espaço de realização substantiva das identidades, de formação cultural, de cidadania que moldam boa parte das relações sociais contemporâneas.

A construção desses espaços de ocupação representados pelas cidades tem tamanho impacto que ele não apenas se coloca como um lugar privilegiado na conformação sócio-histórica da humanidade, como também figura, ao longo do tempo, como uma síntese intelectual da reflexão social. Dessa maneira, construiu-se uma visão da cidade imaginada, pensada, que procurava demonstrar uma socialização desejada mas ainda

não alcançada pelos homens e mulheres. É assim que Platão apresenta “a cidade-Estado como horizonte de todos os valores morais e como única forma possível de sociedade”, mais do que isso, na filosofia platônica, “[c]onstruir a Cidade significa conhecer o homem e seu lugar no universo” (Reale & Antiseri, 1990, p. 162). Ocorre que entre o conhecer o homem e a mulher na cidade, de Platão, e o conceber um *tipo de homem* e um *tipo de mulher* para a cidade, do planejamento urbano moderno, existem diferenças muito acentuadas.

Um dos problemas nesse processo é que, ao construir essa cidade, olhando-se para os conflitos e disputas da sociedade, o homem vê-se entre o caos do cotidiano concreto e a ordem almejada. Dessa díade, nasceu a possibilidade de uma *cidade terrena* que se distinguia da *cidade divina*, como em Santo Agostinho. Caberia à humanidade a possibilidade de pensar e implantar uma cidade terrena que se aproximasse dessa idealidade divina agostiniana, para quem “o cidadão na cidade terrena parece ser o dominador”, o grande planejador e interventor. É nesse domínio que a construção da cidade se mostra como construção da própria mundanidade humana, com suas falhas e seus vícios (Reale & Antiseri, 1990, p. 458). Daí, verem-se conexões entre a cidade de Deus agostiniana a noção de Utopia, de Thomas Morus (Raitiere, 1973). O paraíso, nessa utopia mítica, não é mais apenas um jardim do Éden, mas uma cidade inteira, ordenada, harmoniosa. E a ideia de planejamento, como função administrativa, capaz de moldar a realidade conforme a razão técnica funcional-positivista da gestão, abarcou essa visão utópica como possibilidade de transformação social.

As cidades vividas são, portanto, o resultado e o retrato de uma sociedade em sua época. E a época atual nos mostra que esse processo de industrialização, de capitalização, da globalização, imersos no imperativo tecnológico e da virtualização do início do século XXI, nos apresenta um retrato muito peculiar. Ao se observar as cidades contemporâneas, as vemos envoltas em uma profusão de elementos perturbadores: (i) um pano de fundo de pujança tecnológica que domina as relações

humanas atuais (Limena, 2001); (ii) a defesa de um status de cidade-mundo ou cidade-global das grandes metrópoles cosmopolitas representando um novo ideal de vivência (Clark, 2015; King, 2010; Carvalho, 2000); (iii) esse ideal insuflado pelo discurso apelativo do *city marketing* (Gasco-Hernandez & Torres-Coronas, 2009; Duarte & Czajkowski Jr, 2007) que vende as cidades como produtos cuja embalagem importa mais que o conteúdo; e, (iv) pelas incessantes cobranças por produtividade em um mundo urbanizado, onde a maior parte da população não se encontra mais no campo (Clark, 2003), podemos pensar: esgotamos o nosso processo civilizatório?

Quando olhamos para a Belo Horizonte de hoje em dia, por exemplo, imersa em um vale de prédios, a antes aclamada “cidade jardim” parece ser uma síntese desse progresso civilizatório (Figura 1). Os prédios tomaram o lugar do relevo natural da cidade, o clima foi alterado, e a cidade acabou “, deixando no passado a imagem dos ares de Belo Horizonte como refúgio restaurador para os acometidos por doenças pulmonares” (Duarte, 2014, p. 170). Belo Horizonte, a cidade vergel do passado, no entanto, foi aos poucos se tornando a cidade moderna típica, e com ela, o caos urbano, do trânsito (Figura 2) e das pessoas em trânsito, que nunca param (Figura 3), ou quando param nunca se desconectam (Figura 4). Belo Horizonte foi se tornando uma cidade que cansa, só de olhar. Nesse sentido, talvez esse processo civilizatório nos esgote antes de esgotar a si mesmo.



**Figura 1. Uma cidade que cansa só de olhar, o que era tido como uma “cidade jardim”, hoje é um jardim de concreto**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 2. O Trânsito que cansa**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.





**Figura 3. As pessoas que nunca desligam**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 4. As pessoas que mesmo quando relaxam, não desligam**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Não é difícil, portanto, percebermos um incômodo, um estranhamento, uma sensação de que, ao invés de esgotar os impulsos de formação da civilização, parece que nós é que nos esgotamos, nos exaurimos, para construir um projeto de Modernidade que o capitalismo ajudou a configurar no mundo todo, mas que nos deixa hoje perplexos, insatisfeitos e perdidos. Se as grandes narrativas modernas fracassam (Lyotard, 1988), se as alternativas reais do socialismo fraquejam (Giddens, 1994), e se a utopia liberal do pleno desenvolvimento democrático dado pelo triunfo do capitalismo de Fukuyama (1992) não se materializou, mas de outro lado e ao mesmo tempo, se o capitalismo se recusa a morrer, então, talvez a pergunta provocadora de Žižek (2012, p. 10) retrate muito bem esse novo período de fim dos tempos em que vivemos: “[s]e o capitalismo é assim tão melhor que o socialismo, por que a nossa vida continua péssima?”.

A sensação do mal-estar civilizatório não é nova, já foi amplamente discutida, por exemplo, nas análises frankfurtianas da teoria crítica. A análise de Marcuse é emblemática nesse sentido. Kettler (1982) defende que, de um lado, Marcuse partilha com a tradição liberal a percepção da civilização como algo que faz toda a diferença no entendimento do mundo, mas, de outro lado e diferentemente deles, isso aconteceria não necessariamente de modo positivo. “Marcuse sustenta que as instituições políticas e sociais criadas nos países mais civilizados dos séculos XIX e XX não conseguem controlar as tensões sociais geradas pela civilização, apesar da aparência em contrário” (Kettler, 1982, p. 19). Assim, no mundo moderno, a economia se desenvolve, alguma noção de ordem social prevalece, a produção industrial cresce e há grandes bolsões de satisfação, mas, tudo isso é um disfarce do verdadeiro fracasso do processo civilizatório, especialmente, em seu conteúdo subjetivo e substantivo. Ao cotejar-se o mundo com as idealizações platônicas e agostinianas, o resultado do progresso não nos aproxima dessa imagem harmoniosa, pelo contrário.

Nesse sentido, “Marcuse conclui que as modernas instituições políticas e sociais não incorporam a complexa estratégia exigida pela civilização moderna para equilibrar

tensões entre liberdade e autoridade, virtude e comércio, dever e interesses, autonomia e dependência” (Kettler, 1982, p. 18). A principal contradição, no entanto, não seria o mundo vivido em meio a esses paradoxos de progressos técnicos e sofrimentos internos, mas, a própria resignação diante das contradições do mundo moderno, que as cidades exacerbam ao extremo. Nas palavras do próprio Marcuse (1973, p. 10), “[o] fato de a grande maioria da população aceitar e ser levada a aceitar essa sociedade não a torna menos irracional e repreensível”. No entendimento de Žižek (2012), o resultado de tamanha insatisfação e a resposta que ele apresenta para a pergunta citada é o resgate da discussão socialista, algo que, em certo sentido, também esteve presente em algumas das análises frankfurtianas que compartilhavam dessa esperança escatológica do fracasso final do capitalismo, onde “[c]rises políticas periódicas – rebeliões e repressões – prenunciam o evidente fracasso final. E o ‘sistema’ acaba por revelar-se como uma guerra mais e mais violenta de todos contra todos” (Kettler, 1982, p. 20).

Mas e quando esse fracasso não vem? E enquanto o colapso não chega? Existem autores, portanto, que abordaram de outra maneira esse mal-estar gerado pela dura realidade social contemporânea, fortemente marcado pela visão paradoxal que combina desigualdade, discriminação, violência e instabilidade com progresso técnico, aumento de expectativa de vida, produtividade e abundância informacional. O filósofo Byung-Chul Han é um desses autores, e servirá de guia para a nossa análise. Destacaremos em Han uma reflexão onde ele dialoga com Hannah Arendt, sobretudo, a respeito da *vita activa* contemporânea, à qual ilustraremos com as fotografias de Belo Horizonte, como um exemplo de sua sociedade do desempenho como uma sociedade cansada, onde trataremos a sociedade, a civilização atual, sintetizada na cidade cansada.

Segundo Han (2015), cada época possuiu suas enfermidades fundamentais e a sociedade atual insere-se em um momento patológico particular. Já vivemos a época

bacteriológica, a época viral e para elas foram apresentadas as soluções imunológicas que resolviam as enfermidades que eram dadas por bactérias e vírus, que são esses corpos estranhos que nos invadem. Essas épocas, portanto, se baseiam no paradigma imunológico demarcado por essa alteridade. O que me adoecia não estava em mim. Já o começo do século XXI, segundo esse autor, não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal, onde as “[d]oenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB)”, ou seja, os sofrimentos mentais típicos da atualidade, “determinam a paisagem patológica do começo do século XXI” (Han, 2015, p. 1).

Han (2015) defende que chegamos, portanto, ao fim do sujeito imunológico e do paradigma imunológico, onde se lutava contra as enfermidades vindas de fora. Hoje, a sociedade está entrando cada vez mais numa teia de relações que se afasta totalmente do esquema de organização e de defesa imunológicas baseados nessa alteridade, dada pelas épocas bacteriológicas e virais. Esse novo tempo, caracteriza-se pelo desaparecimento desse outro que me adoce, da estranheza necessária para explicar os mecanismos de defesa que se monta para enfrentar um inimigo que vem de fora do meu próprio corpo. Para ele, portanto, a alteridade é a categoria fundamental da imunologia porque o organismo se defende do corpo estranho, do parasita, de algo que me invade. Nesse sentido, ele entende que toda e qualquer reação imunológica é uma reação à alteridade. Mas hoje em dia, em lugar da alteridade entra em cena a diferença, que não provoca nenhuma reação imunológica. Não é um outro que me afeta, sou eu mesmo, minhas próprias reações diante de um mundo globalizado, mercantilizado, informatizado. Para Han (2015), portanto, o paradigma imunológico passado não se coaduna com o processo de globalização.

Segundo Han (2015), a comunicação generalizada e a superinformação ameaçam todas as forças humanas de defesa, pois como não há alteridade, essa defesa é falseada, não

é direta, é apenas em sentido figurado, não é um resistir biológico catalisado por mecanismos anti-virais e anti-bacterianos, é uma resignação. Existe, para ele, não uma dialética negativa do mundo moderno, que sintetiza o mundo real conforme mediações entre as negações de negações, onde o capital e o trabalho assalariado fazem surgir a classe revolucionária. A sociedade atual é marcada pela positividade e não pela negatividade. Nessa sociedade, a rejeição frente ao excesso de positividade não apresenta nenhuma defesa imunológica, apenas um mal-estar. A classe revolucionária não se sintetiza na transformação, mas se resigna à hiper-realidade do capital tecnológico. Tampouco o esgotamento, a exaustão e o sufocamento frente aos excessos do mundo atual, sempre conectado, sempre em movimento, sempre trabalhando criam reações imunológicas de transformação da sociedade. Sofre-se para se manter sofrendo.

Em Belo Horizonte, por exemplo, não é difícil observar as pressões dessa mudança de paradigma a que Han faz menção. É uma cidade, que com seus shopping centers, enclausura o lazer, a natureza e as pessoas. O espaço fechado, controlado das “praças de alimentação” desses locais, não são para o repouso e a contemplação, são apenas uma forma ordenada e uma ordenação, como imperativo, o mandamento da produtividade em um ambiente de superinformação. As luzes, as simetrias, as mesas fixas, nada é feito para o relaxamento (Figura 5), e de perto, vê-se que o espaço para o suposto lazer é na verdade, mais um lugar para se trabalhar (Figura 6). O visual artificial, cansa, contrasta uma iluminação que ofusca e aprisiona qualquer ponto de natureza (Figura 7). Uma cidade que é capaz de fazer da natureza, mais uma forma de se trabalhar, de ser mais produtivo (Figura 8).



**Figura 5. Uma cidade que ordena até a forma de lazer**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 6. Um lazer que, de perto, é só mais trabalho**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.





**Figura 7. Uma cidade que enclausura a natureza**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 8. Uma cidade que transforma o lazer em mais trabalho**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

“O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção” (Han, 2015, p. 12). Essa overdose de dados lançados contra as pessoas como bombas informacionais incessantes pressionam o sujeito para a multitarefa, que para ele, não é uma habilidade extraordinária do sujeito contemporâneo, mas sim um retrocesso civilizatório. “A multitarefa”, diz ele, “não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso”. Em uma constatação radical, Han afirma que a “multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem”.

Nessa sociedade, Han (2015) afirma que consegue-se superar até mesmo a sociedade disciplinar discutida por Michel Foucault. A atualidade absorve e plasmou os mecanismos de controle e de vigilância na própria tecnologia. A disciplina agora é auto-disciplina, é auto-cobrança, é auto-punição. O foco é me tornar um exemplo de empreendedorismo para os demais. O desempenho é mais importante que o controle. E o sujeito do desempenho é alguém que vigia a si mesmo para alcançar resultados de produtividade que não precisam de um vigilante exterior para serem obtidos. Ele é o seu próprio algoz. Nas palavras dele:

“A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética [...] A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência” [*achievement-subject*], mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos” (Han, 2015, p. 8).



A sociedade disciplinar, no entender de Han (2015) é uma sociedade da negatividade, determinada pela negatividade da proibição. O proibir é fundamental para o conseguir. A sociedade de desempenho, no entanto, rege-se pela positividade do fazer exacerbado, do movimentar-se sem fim. Cria-se assim uma nova forma paradoxal de liberdade. Retira-se o controle punitivo externo, falseando de liberdade um auto-controle interno, que pressiona o sujeito para o desempenho perfeito. Assim, o “sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção [*compulsive freedom*] de maximizar o desempenho [*free constraint of maximizing achievement*]” (Han, 2015, p. 9). Como resultado final, o “excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa auto-exploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado” (Han, 2015, p. 11).

Por fim, em um diálogo com Hannah Arendt (2007, p. 22), que apresenta o conceito de *vita activa* como o “engajamento ativo nas coisas do mundo”, que é bastante antiga na história do pensamento político, como ela mesmo reconhece, e remete a diversos momentos de conflito existencial. “Segundo Arendt, a sociedade moderna, enquanto sociedade do trabalho, aniquila toda possibilidade de agir, degradando o homem a um *animal laborans* – um animal trabalhador” (Han, 2015, p. 17). Para Han, no entanto, se para Arendt todas as formas de *vita activa*, tanto o produzir quanto o agir, decaem diante do patamar atribuído ao trabalho na sociedade moderna, o sujeito moderno, para Arendt, ainda é um sujeito passivo, obrigado a trabalhar, reduzido a uma dimensão de sua condição humana. A sociedade do cansaço exige um sujeito ativo, em movimento, que nunca para, nunca contempla, ou que quando o faz, o faz em exagero, na exacerbação da hiper-atenção do mundo virtual, no descanso ativo do exercício físico para se manter ainda mais ativo, que se droga não para combater uma enfermidade, mas para continuar acordada. Assim, ele conclui, a “sociedade do cansaço, enquanto uma sociedade ativa [*society of activeness, Aktivgesellschaft*] , desdobra-se lentamente numa sociedade do doping” (Han, 2015, p. 24). A sociedade

do cansaço, ressignifica o próprio descanso, transformando-o em um eterno cansar-se para se manter ativo, engajado no mundo, sem a preocupação de mudá-lo das leituras marxianas, mas resignando-se a ele.

A Belo Horizonte contemporânea é um retrato dessa sociedade cansada. Uma cidade que cria espaços para o não-descanso, para o manter-se ativo, que não convida à contemplação nem ao relaxamento (Figuras 9, 10 e 11). Não se usufrui da cidade, não se goza do sossego. Apenas se movimenta, se corre, se conecta, se trabalha, é uma cidade a que se deve resistir e ressignificar.



**Figura 9. Uma cidade que cria praças onde não se pode sentar**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 10. Espaços onde ninguém ousa descansar**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 11. Onde as pessoas não são convidadas a descansar**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

## A CIDADE É OU NÃO É A MINHA CASA? RESISTIR E RESSIGNIFICAR OS ESPAÇOS NA CIDADE

A dualidade espaço público e privado permeia grande parte da literatura das ciências sociais que discute as possibilidades do existir em sociedade. Weintraub e Kumar (1997) já haviam abordado essa separação como sendo “a grande dicotomia” da teoria social e do pensamento social ocidental, algo que Thériault (1992) também reforça, como específico e relevante principalmente para o pensamento político moderno. Apesar da centralidade dessa dualidade, separar conceitualmente o público do privado não é tarefa nova nem fácil. Habermas (1991) apresenta uma das principais análises acerca do tema, em sua obra *The Structural Transformation of the Public Sphere*. Nessa obra, o filósofo alemão recua à formação das cidades-estado gregas para identificar a origem dessa separação, bastante evidenciada no pensamento aristotélico.

Nas cidades-estado gregas, havia a esfera da *polis* que era um ambiente comum (*koinon*) para os cidadãos livres, que marcava o domínio da vida política exercida por meio da ação (*praxis*) e do discurso (*lexis*). Essa esfera era estritamente distinta e separada do reino do *oikos*, a esfera da casa, da família e daquilo que é dado a cada indivíduo em seu próprio domínio doméstico (*idia*). A esfera pública, por ser concebida pelo diálogo, pela construção coletiva, era o mundo da permanência, da liberdade, da perenidade ao passo que a privada, dada pelo domínio patriarcal, era o reino da inconstância, da violência, da transitoriedade. Essas categorias distintas, segundo Habermas (1991), foram assimiladas e trazidas até a idade média, por sua vez, por influência direta da sua cristalização pelo Direito Romano, que as reconheceu tecendo diferenças técnico-jurídicas entre o *publicus* e o *privatus*, incutindo nuances à interpretação clássica grega desses termos. Essas expressões seriam, no entanto, totalmente modificadas com a ascensão da sociedade burguesa que veio a colapsar a noção de esfera pública, reduzindo-a à “esfera da autoridade pública” demarcada pela existência de uma administração permanente e de um exército.

Arendt (2007) também se ocupa dessa distinção entre o público e privado na sua origem helênica. O público, tal como dado em Aristóteles e mencionado por Habermas, possuía vários sentidos, dentre eles, o de que tudo o que é público está disponível para todos visto ser comum a todos, mas, mais do que isso, esse o mundo público “tem que ser pensado não apenas como aquilo que é comum, mas aquilo que é comunicável e que, portanto, se diferencia das experiências estritamente subjetivas e pessoais que podem ter validade na dimensão privada da vida social” (Telles, 1990, p. 31). Essa percepção arendtiana é também reforçada em Weintraub e Kumar (1997) quando enfatizam que uma das características básicas da oposição público privado é a contraposição entre o que está aberto, revelado e acessível versus o que está oculto, escondido ou visível para poucos ou invisível para muitos.

Segundo Horwitz (1982), um fenômeno fundamental para impulsionar a diferença entre o público e o privado foi a emergência do Estado-Nação e as teorias sobre soberania dos séculos XVI e XVII. Em resposta a esse movimento e “em reação às reivindicações dos monarcas, e depois dos parlamentares, de terem poderes irrestritos para produzir as leis”, diz Horwitz (1982, p. 1423), “houve um esforço para contrabalançar e demarcar diferentemente a esfera privada como livre do poder invasivo do Estado”. Tal disputa dicotômica espalha-se nas análises sociais, portanto, sempre destacando a dificuldade de se lidar com esferas que se tocam, se sobrepõem e se opõem. O público não é de ninguém, ao mesmo tempo em que é de todo mundo. A casa é minha, ao mesmo tempo em que ela só existe na medida em que a delimito em um espaço que, virtualmente, está colocado em um mundo que é de todos.

É com base nessas contradições que DaMatta (1991) apresenta a casa, a rua e o outro mundo como categorias sociológicas fundamentais para se analisar a sociedade brasileira. O mundo da casa e o mundo da rua, se complementa, segundo o autor brasileiro, e neles se apresentam o trabalho, a familiaridade, a fluidez do movimento, a surpresa e a tentação. Em casa, somos nós e nas ruas, somos outros. Em casa, estamos

confortáveis, convidamos, recebemos. Na rua, escondemos, evitamos, desconfiamos. O “espaço público é perigoso e como tudo o que o representa é, em princípio, negativo porque expressa um ponto de vista autoritário, impositivo, falho, fundado no descaso e na linguagem da lei que, igualando, subordina e explora” (DaMatta, 1991, p. 65). Assim, a grande questão posta em uma sociedade do desempenho que coloca as pessoas a movimentar-se freneticamente nos espaços públicos é como fazer para descansar em locais que não foram pensados para o repouso? O repouso é algo da casa, para fazê-lo no espaço público, é preciso eclipsar essa diferença posta por DaMatta (1991), e fazer do público a minha casa.

A Belo Horizonte de hoje, transformada em uma cidade verticalizada, apresenta cada praça como um oásis em meio à frieza da arquitetura urbanizada (Figura 12). Em uma sociedade do desempenho, no entanto, as praças funcionam mais como lugar de passagem, onde as pessoas transitam, do que como um local de relaxamento. Por estarem sempre em movimento, *performando*, o sujeito do desempenho precisa ressignificar os mais inusitados espaços públicos, não pensados para o descanso, a fim de resistir. Assim, cada mureta, se transforma em sofá, poltrona, cama (Figura 13). Os bancos das praças não são apenas bancos, passam ser camas, onde se dorme (Figura 14) ou se descansa sem se descansar, porque a conectividade do mundo virtual nunca cessa (Figura 15).





**Figura 12. Uma cidade cinzenta, onde cada agrupamento verde é um oásis, mas que é mais um lugar de passagem, de correria**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 13. Qualquer espaço é um descanso**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 14. O banco, se torna uma cama**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 15. Mesmo no descanso, jamais se desliga**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



É preciso não resistir ao sono, para resistir às pressões da hiperatividade contemporânea, e para isso, há que se equilibrar nos arrimos para transformá-los em colchões, fazendo das próprias roupas, os cobertores, as cortinas (Figura 16). Os homens e mulheres moldados nas multitarefas, usam do espaço feito para se manter em movimento, ativos, para trabalhar mais, em pontos fuga, de repouso, mas, essa fuga nunca é completa, está sempre ligada, sempre atenta ao celular (Figuras 17 e 18). O espaço lúdico, para diversão infantil, é o local de recuperação para os adultos. É absorvido como uma instância de repouso (Figura 19). As árvores são ressignificadas em teto, em proteção, e dão segurança e conforto aos que se entregam ao desassossego da sociedade belo Horizontina que exaure as forças no dia a dia do trabalho (Figura 20).



**Figura 16. Resistir envolve ressignificar, tornar o arrimo um conforto**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 17. Resistir é ressignificar o espaço pensado para manter todos em atividade, transformando-o em um repouso, ainda que jamais desconectado**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 18. O espaço da atividade, para me manter em movimento, vira o meu repouso**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 19. O espaço lúdico é ressignificado em local de descanso**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 20. Faz-se do chão uma cama, da árvore, um teto**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



Essa cidade, que não acolhe para o repouso, que não convida à contemplação da natureza, do tempo, dos espaços, precisa ser ressignificada como um local de segurança e conforto. O espaço público que é sempre perigoso, conforme apontado por DaMatta (1991), passa a ser apropriado como um espaço de segurança, ao qual eu me entrego. Esqueço-me que me equilibro na aspereza das muretas, e aparento estar em outro lugar, onírico, onde me recupero, para continuar desempenhando o meu papel de *animal laborans* no mundo da produtividade (Figura 21). Para isso, me entrego à cidade e me permito ser confundido com o chão, planto à dúvida em quem passa: "estou em situação de rua"? (Figuras 22 e 23).



**Figura 21. O espaço que não me acolhe é acolhido por mim, faço da mureta, concreta e de concreto, fria e desconfortável, uma cama, um espaço de acolhimento**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 22. Permito-me ser julgado, comparado, não estou em situação de rua ou estou? Resignifico o espaço público tornando-o uma extensão da minha casa**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 23. Não resisto ao sono, para resistir às pressões da cidade**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

É preciso resistir aos comandos do trabalho nos locais mais improváveis. Para isso, ressignifico as passarelas, transformo-as no teto do meu quarto, e faço do papelão uma cama, um espaço de relaxamento (Figura 24). Quando preciso me alimentar, sempre a caminho do trabalho ou no intervalo do trabalho, faço do chão a minha mesa e do concreto a minha cadeira, mas ainda assim, não paro de olhar o telefone, a Internet, o incessante mundo virtual (Figura 25). E mesmo diante do portal mais tradicional para esse novo mundo, os computadores, que impulsionaram toda essa mudança de paradigma, de compressão do espaço e do tempo na pós-modernidade, não resisto (ou resisto?) e faço de um laboratório de informática, o meu mais íntimo local de descanso (Figura 26).



**Figura 24. Nos espaços mais improváveis, faço da sombra da passarela, um teto reconfortante, do papelão uma cama**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 25. Faz-se do chão, uma mesa; e alimenta-se sempre ligado, sempre de olhos no virtual e no real**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 26. Tomo o espaço da tecnologia, do estudo ou do trabalho, para fazer dele o meu descanso**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A seguir, apresentamos os registros fotográficos que convidam a uma reflexão mais profunda em Belo Horizonte sobre essas práticas, de resistir e de ressignificar os



espaços públicos em uma sociedade do desempenho, misturando casa e rua, lazer e resistência, ironia e política, tomando o evento da Praia da Estação, como síntese das contradições de uma cidade cansada.

## **RESISTIR, RESSIGNIFICAR EM BELO HORIZONTE: UM EXEMPLO POR MEIO DA PRAIA DA ESTAÇÃO**

A Praça Rui Barbosa, mais conhecida como Praça da Estação, é uma praça situada na região central da cidade de Belo Horizonte. A popularização do nome Praça da Estação se deu por estar localizada em frente ao prédio da antiga estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, hoje Museu de Artes e Ofícios (MAO). Outro ponto a se destacar é que a entrada da Estação Central do Metrô de Belo Horizonte também está situada nesta praça. Este é o cenário do evento que aqui vamos mostrar: a Praia da Estação.

Segundo Melo (2014), o movimento de ocupação “Praia da Estação” teve seu estopim a partir do decreto 13.798/09 (09 de dezembro de 2009), emitido pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, que proibia eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, tendo vigência a partir do dia 1º de janeiro de 2010. A administração municipal fundamentou o decreto como medida para garantir a integridade do patrimônio, evitando a depredação do patrimônio público e também garantindo a preservação da segurança pública, ambos resultantes da dificuldade em controlar e limitar o número de pessoas em eventos abertos na praça Rui Barbosa.

Neste contexto, alguns jovens, já indignados com o contorno que vinha tomando a política municipal da gestão do então prefeito Márcio Lacerda, arquitetaram um chamamento público e anônimo por meio do blog “Vá de branco”, incentivando a presença da população à aludida praça, como forma de protesto ao posicionamento da administração do governo municipal, que, por meio da vedação do espaço público, interferia diretamente na cultura (Melo, 2014). A convocação do vá de branco tinha



como objetivo questionar a prefeitura sobre a arbitrariedade da decisão, refletindo em seu blog o porquê da ausência de um debate da Secretaria de Segurança Patrimonial junto à população sobre a depredação do patrimônio no local (Melo, 2014). Na ocasião do ato vá de branco, cerca de 50 manifestantes compareceram à Praça da Estação no dia 07 de janeiro de 2010 e, por meio de uma discussão, decidiram formar um movimento apartidário em prol da cultura belorizontina (Oliveira, 2012). Ressalta-se que também foi gestada a ideia da lista de e-mails que depois virou o blog Praça Livre BH (Melo, 2014). A medida de criar o blog teve uma série de boas repercussões, entre elas uma série de protestos que saíram das correntes de e-mail e partiram para ocupar a praça.

É nesta conjuntura que, de acordo com Oliveira (2012), acontece a arquitetura e efetivação do que viria a ser a primeira Praia da Estação, sendo esta o ponto de partida de muitas que ainda viriam acontecer por, pelo menos, mais três ou quatro meses, onde os jovens puderam desfilar sua irreverência, ironias, protestos e contestações contra o decreto, a administração municipal e os rumos de desenvolvimento da cidade de Belo Horizonte. “Trajes de banho, sombrinhas (uma delas, colorida, viraria o símbolo da Praia da Estação), guarda-sóis, caixas de isopor, cangas, toalhas de banho, boias, cadeiras de praia, protetores solares, peteca, bola, adereços carnavalescos, faixas, cartazes, manequim com a foto do prefeito, músicas, instrumentos musicais e até um caminhão-pipa compuseram o cenário da primeira “Praia” e delinearão a natureza estética e simbólica daquele protesto”, afirma Oliveira (2012, p. 98).

Tal movimento se justifica pela dimensão de ocupação de um espaço público cujo direito de desfrute pelos cidadãos foi violado pelo decreto do prefeito, sendo este sempre o principal argumento para os participantes do movimento Praia da Estação. Nos estudos de Oliveira (2012), o pesquisador chama a atenção ainda para o número expressivo de pessoas presentes na primeira Praia da Estação e da Internet como meio principal de divulgação e mobilização para o sucesso da mesma.

Concomitantemente, sobre esse processo de resistência e ressignificar à espetacularização pela vivência corporal dos espaços, Certeau (1990) reflete sobre a experiência corporal, sensório-motora, dos praticantes comuns das cidades, no qual estes atualizam os projetos urbanos e o próprio urbanismo, por meio da vivência, prática, ou, experiência cotidiana dos cenários e espaços urbanos. Estas práticas cotidianas contrapõem-se à imobilidade sugerida pela lógica do espetáculo e da imagem em que se baseiam os projetos urbanos contemporâneos e atuais. Sendo, segundo o autor, as apropriações (de resistir) e improvisações (de ressignificar) feitas nos espaços que instauram dinâmicas que validam ou não aquilo que foi projetado, isto é, são essas experimentações do espaço que os ressignificam.

Assim, a Praça da Estação tem sido sede de um dos movimentos de ocupação urbana com mais visibilidade na cidade de Belo Horizonte, conhecido como “Praia da Estação” (Melo, 2014). Tido como uma manifestação político, artístico, cultural, performática, sem líderes, coletiva e colaborativa, a “Praia da Estação” ainda acontece (Figuras 27). Sendo que o evento apresentado neste registro fotográfico aconteceu no dia 13 de janeiro de 2018 (Figura 28). Evento este que a população ocupou a praça, levando trajes de banho, cangas, boias, bolas, música e farofa (Figuras 29 e 30). Ressignificando a paisagem e dando um novo olhar para o Museu de Artes e Ofícios (Figura 31) e o Monumento à Civilização Mineira (Terra Mineira) (Figura 32). Dessa forma, o espaço da praça da estação, sem bancos e sem árvores, é substituído por cadeiras de praia (Figura 33), guarda-sóis (Figura 34) e locais de descanso (Figura 35).

Neste evento, que teve como anúncio “Praia da Estação 8 anos - Vai Malandra”, o protesto aconteceu em prol de um maior cuidado para com a Praça da Estação por parte da prefeitura de Belo Horizonte, os manifestantes alegavam que a praça estava abandonada, sucateada, com as fontes desligadas, repleta de buracos e mato.



**Figura 27. Uma cidade que resiste, uma praia em meio aos prédios**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 28. As fontes da praça se transformam em ondas do mar**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 29. A água então refresca e transformo a praça em praia**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 30. Há auxílio de um caminhão pipa para ajudar a refrescar os banhistas**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.





**Figura 31. Um novo olhar para o Museu de Artes e Ofícios**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 32. Um novo olhar para o Monumento à Civilização Mineira (Terra Mineira)**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 33. O descanso que a cidade não me oferece, eu levo comigo, ressignifico o concreto como área de praia**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



**Figura 34. A sombra que o espaço de lazer não me oferece é substituída por guarda-sóis**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.





**Figura 35. A única árvore da praça se torna local cobiçado para procurar um abrigo do sol**

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea experimenta uma nova forma de conflito trazida pela pós-modernidade, de um lado, estão as pressões para se manter sempre ativa, em movimento, trabalhando, produtiva, e, de outro, a necessidade de resistir, de não desistir, de sobreviver. Só que em uma sociedade capitalista, onde as contradições do capital e do trabalho não se resolvem, e o próprio capitalismo se recusa a morrer, a resistência não é mais a alternativa socialista. O resistir é um resignar. É uma forma de sobreviver para se manter ativo, trabalhando, produzindo.

Vivemos, segundo o olhar de Byung-Chul Han, em uma sociedade do desempenho. Marcada pela hiperatividade, pela supercomunicação, pelos excessos de informação e de conectividade com o mundo virtual. O sujeito dessa época, não é mais o sujeito de obediência subjugado pela sociedade disciplinar foucaultiana, que era encapsulado pela vigilância e o controle, nem mesmo o sujeito revolucionário marxiano, fruto da

dialética negativa da exploração do capitalismo. O sujeito do hoje, é o sujeito do desempenho, que cria para si a sua própria exploração, *empresário de si mesmo*, que se cobra pelos resultados da aparência, que se autoexplora, que absorveu a disciplina. É o sujeito sufocado pela positividade, pela liberdade contraditória de existir no capitalismo na pós-modernidade, que é uma liberdade coercitiva, que impõe sofrimento e limites ao mesmo tempo que se vende como um mundo (virtual) sem limites e de todas as possibilidades.

A paisagem dessa sociedade é uma paisagem de cidades cansadas, que aparentemente, representam a síntese do processo civilizatório, e que se apresentam como cidades globais, mercantilizadas, interativas e modernas, deixando a dúvida se esgotaram esse processo e se são o ápice do existir dado pela racionalidade. Só que nesse panorama, não é o processo civilizatório que se esgota, mas as pessoas que se esgotam na construção dessa nova realidade. Com isso, as relações sociais como práticas, convidam a resistir a esse processo só que com um paradoxo adicional: como resistir a esse processo se as próprias cidades não apresentam espaços para resistência?

A dinâmica público/privado, central nas ciências sociais, também é representada no caso brasileiro como a oposição entre a casa e a rua. A casa, local de familiaridade, de intimidade, de conforto e segurança é próxima, conectada com rua, espaço do impessoal, do perigo, do lugar comum que não é de ninguém. Nesse cenário, para resistir a uma sociedade do desempenho, cujo mal-estar civilizatório não é novo, mas também não é resolvido, é preciso antes ressignificar. É preciso transformar o espaço público em um espaço de relaxamento, de lazer, de fruição do mundo, de respiro. Nesse sentido, é preciso transformar a rua em minha casa. Nada mais emblemático disso do que as práticas de ressignificar as praças, locais que foram pensados como um oásis no caos urbano, mas que no detalhe não convidam à contemplação, ao descanso, à resistência.



O presente trabalho, então, realiza uma reflexão sobre esses temas convidando a uma discussão exemplificada pela cidade de Belo Horizonte, tomada como uma cidade cansada em uma sociedade do desempenho. Para tanto, construímos uma representação visual, com 36 fotografias tiradas pelos autores, no primeiro semestre de 2018, cujo desfecho é o evento “Praia da Estação” que sintetiza a prática de ressignificar para resistir, para reivindicar novamente a cidade para o povo, para o lazer, para o descanso, ainda que sigamos subsistindo em uma sociedade que nos esgota. Nesse percurso, buscamos apresentar uma cidade que cansa só de olhar, passando pelas práticas de ressignificar o espaço público como a minha casa, tomando o concreto, o chão, as muretas, como bancos, camas, sofás, e, chegamos à contestação política que fez da praça Rui Barbosa, conhecida como Praça da Estação, uma praia para resistir ao cansaço com o descaso das autoridades com esses espaços públicos.

## REFERÊNCIAS

Arendt, Hannah (2007). *A condição humana* (10a ed). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Barthes, Roland (1981). *Camera lucida: reflections on photography*. New York: Hill and Wang.

Bell, Emma & Davison, Jane (2013). Visual management studies: empirical and theoretical approaches. *International Journal of Management Reviews*, 15(2), 167-184.

Carvalho, Mônica (2000). Cidade global: anotações críticas sobre um conceito. *São Paulo em Perspectiva*, 14(4), 70-82.

Cavedon, Neusa (2005). Fotoetnografia: a união da fotografia com a etnografia no descortinamento dos não-ditos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 12(35), 13-27

Certeau, Michel (1990). *L'invention du quotidien*. Gallimard: Folio Essais.

Clark, David (2003). *Urban world/global city* (2th ed.) London: Routledge.

Clark, Greg (2015). *The making of a world city: London 1991 to 2021*. Oxford: John Wiley & Sons.

DaMatta, Roberto (1991). *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil* (4a ed). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Duarte, Regina H. (2014). "Eu quero uma casa n campo": a busca do verde em Belo Horizonte, 1966-1976. *Topoi*, 15(28), 159-186.

Duarte, Fabio & Czajkowski Jr., Sergio (2007). Cidade à venda: reflexões éticas sobre o marketing urbano. *Revista de Administração Pública*, 41(2), 273-282.

Elsheshtawy, Yasser (2008). *The evolving arab city: tradition, modernity and urban development*. London: Routledge.

Fontanari, Rodrigo (2016). Como ler imagens? A lição de Roland Barthes. *Galaxia*, 31, 144-155.

Freund, Bill (2007). *The African city: a history*. Cambridge: Cambridge University Press.

Fukuyama, Francis (1992). *The end of history and the last man*. New York: Free Press.

Gasco-Hernandez, Mila & Torres-Coronas, Teresa (2009). *Information communication technologies and city marketing: digital opportunities for cities around the world*. New York: Information Science Reference.

Giddens, Anthony (1994). *Para além da esquerda e da direita: o futuro da política radical*. São Paulo: Unesp.

Han, Byung-Chul (2015). *The burnout society*. Stanford: Stanford University Press.

Habermas, Jürgen (1991). *The structural transformation of the public sphere: an inquiry into a category of the bourgeois society*. Cambridge: MIT Press.

Holm, Gunilla (2014). Photography as a research method. In Patricia Leavy (Ed.). *The Oxford handbook of qualitative research* (pp. 380-402). New York: Oxford University Press.

Horwitz, Morton J. (1982). The history of the public/private distinction. *University of Pennsylvania Law Review*, 130(6), 1423-1428.

Huntington, Samuel P. (1997). *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Isin, Engin F. (2002). *Being political: genealogies of citizenship*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Isin, Engin F. (2000). Introduction: democracy, citizenship and the city. In Engin F. Isin (Ed.). *Democracy, citizenship, and the global city* (pp. 1-22). New York: Routledge.

Kettler, David (1982). Herbert Marcuse: A crítica da civilização burguesa e sua transcendência. In Anthony Crespigny & Kenneth R. Minogue. *Filosofia política contemporânea* (pp. 15-53) (2a ed). Brasília: UnB.

King, Anthony D. (2010). O que está acontecendo com a pesquisa sobre cidades mundiais? *Estudos Históricos*, 23(46), 247-260.

Lees, Andrew (2015). *The city: a world history*. New York: Oxford University press.

Lefèvre, François (2013). *História do mundo grego antigo*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Limena, Maria M. C. (2001). Cidades complexas no século XXI: ciência, técnica e arte. *São Paulo em Perspectiva*, 15(3), 37-44.

Lune, Howard & Berg, Bruce L. (2017). *Qualitative research methods for the social sciences* (9th ed). New York: Pearson.

Lyotard, Jean-François (1988). *O pós-moderno* (3a ed). Rio de Janeiro: José Olympio.

Marcuse, Herbert (1973). *A ideologia da sociedade industrial* (4a ed). Rio de Janeiro: Zahar.

Melo, Thalita M. (2014). *Praia da Estação: carnavalização e performatividade*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Modrak, Rebekah (2011). Theory 1: seeing, perceiving, and mediating vision. In R. Modrak & B. Anthes. *Reframing photography: theory and practice* (pp. 3-48). New York: Routledge.

Oliveira, Igor T. M. (2012). *Uma "Praia" nas Alterosas, uma "antena parabólica" ativista: configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Raitiere, Martin N. (1973). More's utopia and the city of god. *Studies in the Renaissance*, 20, 144-168.

Reale, Giovanni & Antiseri, Dario (1990). *História da filosofia: antiguidade e idade média. Vol I*. São Paulo: Paulus.

Schwartz, Dona (1989). Visual ethnography: using photography in qualitative research. *Qualitative Sociology*, 12(2), 119-154

Sontag, Susan (2005). *On photography*. New York: RosettaBooks.

Swift, Simon (2009). *Hannah Arendt*. London: Routledge.

Telles, Vera S. (1990). Espaço público e espaço privado na constituição social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, 2(1), 23-48.

Thériault, J. Yvon (1992). De l'utilité de la distinction moderne privé/public. *Politique*, 21, 37-69.



Verhulst, Adriaan (1999). *The rise of cities in north-west Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.

Weintraub, Jeff & Kumar, Krishan (1997). *Public and private in thought and practice: perspectives on a grand dichotomy*. Chicago: The University of Chicago Press.

Žižek, Slavoj (2012). *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo.

## A CIDADE CANSADA

### Resumo

No presente registro fotográfico buscamos retratar visualmente uma questão específica das cidades contemporâneas, a sua representação como uma cidade cansada que busca resistir e ressignificar em uma sociedade do desempenho, conforme os conceitos discutidos pelo filósofo Byung-Chul Han. Para isso, procuramos registrar 35 fotografias da cidade de Belo Horizonte, no primeiro semestre de 2018, como maneira de retratar uma cidade cansada e que cansa, absorta em seus jardins de concretos, seu trânsito incansável, seus espaços de lazer fabricados pelo capital que enclausuram a natureza e que transformam tudo à sua volta em lugares que nada mais são do que novos locais para se trabalhar. Ao final, como movimento emblemático dessa disputa entre a cidade que não me acolhe para a contemplação, o descanso e a qualidade de vida, e as pessoas que demandam diversão, descanso, lazer, trazemos o exemplo do evento "Praia da Estação".

### Palavras-chave

Registro fotográfico. práticas de resistência na cidade. Ressignificar a cidade.

## LA CIUDAD CANSADA

### Resumen

En el presente registro fotográfico buscamos retratar visualmente una cuestión específica de las ciudades contemporáneas, su representación como una ciudad cansada que busca resistir y resignificarse en una sociedad del desempeño, tal como el filósofo Byung-Chul Han discute. Para eso, buscamos registrar 35 fotografías de la ciudad de Belo Horizonte, en el primer semestre de 2018, como manera de retratar una ciudad cansada y que cansa, absorta en sus jardines de concretos, su tránsito incansable, sus espacios de ocio fabricados por el capital que enclaustran la naturaleza y transforman los lugares de ocio, de alimentación, en "plazas" que nada más son que nuevos lugares para trabajar. Al final, como movimiento emblemático de esa disputa entre la ciudad que no me acoge para la contemplación, el descanso y la calidad de vida, y las personas que demandan diversión, descanso, ocio, traemos el ejemplo del evento "Praia da Estação".

### Palabras clave

Registro fotográfico. Prácticas de resistencia en la ciudad. Resignificar la ciudad.

## THE TIRED CITY

### Abstract

In this photographic record, we intended to portray, visually, a specific feature of contemporary cities, their representation as a fatigue city trying to resist and to resignify in a performance society, according the concepts discussed by the philosopher Byung-Chul Han. In order to do so, 35 photographs of the city of Belo Horizonte were taken during the first semester of 2018. As we shall see, these photos show a burnout city and a city that gets tired, absorbed as it is in its concrete gardens, its relentless traffic, its market-oriented leisure places that encloses nature and transform everything around it into "squares" that are nothing more than new places to work. In the end, as an emblematic example of this dispute, between the city that does not shelter us to foster contemplation, resting and quality of life, and the people who demand fun, rest, and leisure, we present the "Station Beach" event.

### Keywords

Photographic record. Resistance practices in the city. Resignify the city.

## **CONTRIBUIÇÃO**

### **Carlos Gustavo Assis**

Contribuiu de forma significativa à concepção da ideia geral, bem como com a pesquisa e revisão bibliográfica, a elaboração do texto e o registro fotográfico.

### **Ricardo Vinicius Cornélio dos Santos e Carvalho**

Contribuiu de forma significativa à concepção da ideia geral, bem como com a pesquisa e revisão bibliográfica, a elaboração do texto e o registro fotográfico.

## **AGRADECIMENTOS**

-

## **DECLARAÇÃO DE INEDITISMO**

Os autores declaram que o texto é inédito.

## **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES**

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

## **COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO**

Assis, Carlos G. & Carvalho, Ricardo V. C. S. (2019). A cidade cansada. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(15), 416-465.